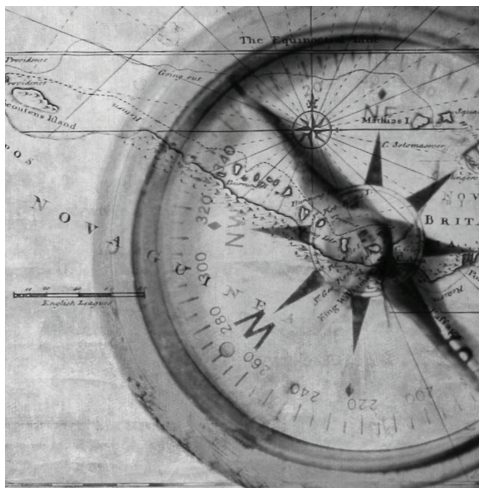


A Busca

Capítulo 01 Uma Saga Entre Muitas Sagas



Não é interessante como nas inúmeras sagas que nos são apresentadas em livros e filmes podemos encontrar uma trama em comum?

Alguém, no passado, deixou-se dominar pelo poder do mal, o que o levou a desconectar-se do bem, comprometendo não somente sua própria vida, mas a história das gerações futuras. A partir daí, o mundo entra num estado de instabilidade e o mal passa a dominar as relações.

Mas, apesar do cenário caótico, existe a esperança de que um outro alguém surgirá na história e, com

coragem e atitude sacrificial, acabará por vencer o mal, restaurando a ordem inicial de todas as coisas.

Exemplos desta trama são encontrados em filmes como Matrix, com o personagem redentor Neo, ou na série Star Wars com toda a expectativa messiânica em torno da figura de Luke Skywalker, e até mesmo na trilogia do Senhor dos Anéis, na missão comunitária que envolve Frodo (uma espécie de sacerdote-representante), Aragon (um rei), Gandolf (um profeta) e Legolas (líder dos elfos, seres facilmente confundidos com anjos).

Mas, de onde emerge esta trama comum na mente de escritores, roteiristas e diretores tão diferentes? De onde herdamos este sentimento de que o universo está em desequilíbrio e algo precisa ser feito? Quem inseriu em nós o anseio pela redenção ou por um redentor?

14

Na linguagem de Carl Jung, poderíamos atribuir esta trama comum ao “inconsciente coletivo”. Para Jung, o “inconsciente coletivo” é um conjunto de imagens latentes (ou arquétipos, como ele denomina) que recebemos como herança das gerações passadas. Estas imagens presentes no inconsciente coletivo são universais e se manifestam com leves diferenciações na religião, na cultura, nos contos e nos mitos de cada sociedade.

Por exemplo, por mais distintos que sejam os grupos humanos e por mais distantes, geográfica ou historicamente, que eles tenham vivido, todos possuem a

imagem de um “deus” como um ser superior e criador, bem como um sentimento de ruptura na relação com esse “deus”. A soma desta imagem com este sentimento gera os mais variados tipos de ritos com o objetivo de apaziguar a ira do(s) deus(es) ou para reconquistar o seu favor.

Além disso, um outro elemento comum em inúmeras culturas é a presença de uma espécie de “esperança escatológica” de que um dia alguém ou algo nos libertará deste mundo instável em que vivemos e nos levará de volta ao “paraíso perdido”, do qual estranhamente sentimos saudades, apesar de nunca o termos conhecido. E é a partir deste ponto em comum que surgem tantos contos e narrativas de redenção.

Mas, o que Carl Jung chama de “inconsciente coletivo” os teólogos chamam de “revelação geral”. Segundo eles, o próprio Deus inseriu nas mentes e nos corações humanos percepções e sentimentos que fazem com que sejam constantemente surpreendidos com a presença destes elementos que reafirmam a ideia de que houve, um dia, uma realidade diferente daquela que vemos. Houve um momento em que uma opção errada foi tomada, as consequências foram desastrosas e, por isso, o mundo precisa de redenção.

É exatamente aqui que entra a Bíblia. Através de suas histórias e discursos passamos a compreender de forma mais clara a origem destas percepções e sentimentos, bem como o plano de Deus para redimir todas

as coisas ao seu estado original. Do início de todas as coisas em Gênesis 1.1 (No princípio, criou Deus os céus e a terra...) até à redenção de tudo em Apocalipse 21.1 (Vi novo céu e nova terra), a Bíblia nos apresenta esta grande e dramática aventura, na qual Deus é o personagem principal e nós o alvo de sua intervenção redentora na história.

O Gênesis da Saga

Mas, para compreendermos quão dramática é esta aventura, precisamos tomar consciência do que nos é apresentado nos primeiros três capítulos do livro de Gênesis. Somente à luz do que encontramos neste trecho da Bíblia poderemos compreender todo o restante da história que nos é apresentada nas páginas seguintes até o livro de Apocalipse.

16

No entanto, infelizmente, o reducionismo de alguns cristãos, que insistem em olhar para estes capítulos apenas como objeto de discussões relacionadas a aceitação ou não das teorias científicas sobre a formação do universo, tem feito com que deixemos de perceber o cerne da mensagem que nos é oferecida neste trecho.

Para o autor destes capítulos iniciais da Bíblia, não existe qualquer preocupação em descrever cientificamente como aconteceu o início de todas as coisas, nem muito menos em defender ou atacar a ciência moderna. Sua intenção é afirmar a homens e mulheres de sua

época, bem como a todos aqueles que viriam posteriormente, três verdades:

1. Todo o universo foi criado sob o comando consciente e poderoso de Deus.

Não importa para o autor “como” isso aconteceu, se a criação do universo se deu em 6 dias literais ou em eras geológicas, se Deus fez uso de poderes “mágicos” ou simplesmente influenciou processos naturais. A afirmação inegociável do autor é que um Deus pessoal, consciente e poderoso foi o responsável pelo surgimento de um universo perfeito, milimetricamente delineado, e que manifesta Sua sabedoria em todas as partes.

2. O produto final desta obra foi considerado “muito bom”.

O autor também salienta o fato de que houve um momento, após ter sido estabelecida a ordem no universo, em que todas as coisas eram boas e o equilíbrio entre todas as partes era perfeito. Deus se relacionava direta e pessoalmente com sua criação. Por sua vez, a natureza e a humanidade se relacionavam em completa harmonia, e os seres humanos desfrutavam de plena paz em suas relações pessoais. Nesta ordem inicial não existia qualquer proximidade do que conhecemos como morte, dor ou lágrimas. Tudo era perfeito. Este equilíbrio, esta harmonia, eram possíveis porque todo o universo estava em conexão com o Criador.